O inconsciente em Freud e em Lacan

The unconscious in Freud and Lacan

El inconsciente en Freud y en Lacan

Recebido: 01/10/2024 | Revisado: 08/10/2024 | Aceitado: 09/10/2024 | Publicado: 13/10/2024

Aline Gabriela Parcianello

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-1994-8800>

Centro Universitário FAG, Brasil

E-mail: alinegabriela2011@hotmail.com

Eliane Gradiski

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-1166-754X>

Centro Universitário FAG, Brasil

E-mail: elianegradiski@yahoo.com.br

Sabrina Noronha Pinho

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9287-5418>

Centro Universitário FAG, Brasil

E-mail: sabrinanoronhapinho@gmail.com

Resumo

A psicanálise, proposta inicialmente por Freud, surgiu da observação, especialmente em mulheres histéricas, de sintomas físicos sem causas orgânicas. Freud escutou essas pacientes e desenvolveu a metapsicologia, analisando o funcionamento dinâmico, topológico e econômico do aparelho psíquico. A psicanálise evoluiu em diferentes correntes, destacando autores como Lacan, que revisitou Freud em 27 seminários, enfatizando o inconsciente como estruturado pela linguagem. Posto isso, o objetivo dessa pesquisa é dissertar e elaborar acerca das noções que fundamentam a psicanálise Freud-Lacaniana, abordando as principais diferenças entre a construção do conceito inconsciente dos dois autores. A metodologia é a da revisão bibliográfica. Apesar de se basear em Freud, Lacan oferece uma nova perspectiva, atualizando a psicanálise para refletir as complexidades do sujeito. Freud via o inconsciente sem representação verbal, Lacan argumenta que o significante representa o inconsciente. Além disso, Lacan reinterpreta o Complexo de Édipo, como um processo metafórico, e introduz o conceito de objeto a, um objeto de desejo que orienta a busca do sujeito.

Palavras-chave: Conceitos fundamentais; Freud; Inconsciente; Lacan; Psicanálise.

Abstract

Psychoanalysis, initially proposed by Freud, arose from the observation, especially in hysterical women, of physical symptoms without organic causes. Freud listened to these patients and developed metapsychology, analyzing the dynamic, topological, and economic functioning of the psychic apparatus. Psychoanalysis evolved into different schools of thought, with notable figures like Lacan, who revisited Freud in 27 seminars, emphasizing the unconscious as structured by language. Thus, the aim of this research is to discuss and elaborate on the notions that underpin Freudian-Lacanian psychoanalysis, addressing the main differences in the construction of the unconscious concept between the two authors. The methodology used is a bibliographic review. Although based on Freud, Lacan offers a new perspective, updating psychoanalysis to reflect the complexities of the subject. Freud viewed the unconscious as having no verbal representation, while Lacan argues that the signifier represents the unconscious. Additionally, Lacan reinterprets the Oedipus Complex as a metaphorical process and introduces the concept of the "objet a" an object of desire that guides the subject's pursuit.

Keywords: Fundamental concepts; Freud; Unconscious; Lacan; Psychoanalysis.

Resumen

El psicoanálisis, propuesto inicialmente por Freud, surgió de la observación, especialmente en mujeres histéricas, de síntomas físicos sin causas orgánicas. Freud escuchó a estas pacientes y desarrolló la metapsicología, analizando el funcionamiento dinámico, topológico y económico del aparato psíquico. El psicoanálisis evolucionó en diferentes corrientes, destacando autores como Lacan, quien revisó a Freud en 27 seminarios, enfatizando el inconsciente como estructurado por el lenguaje. Así, el objetivo de esta investigación es disertar y elaborar sobre las nociones que fundamentan el psicoanálisis Freud-Lacaniano, abordando las principales diferencias en la construcción del concepto inconsciente entre los dos autores. La metodología utilizada es la revisión bibliográfica. A pesar de basarse en Freud, Lacan ofrece una nueva perspectiva, actualizando el psicoanálisis para reflejar las complejidades del sujeto. Freud veía el inconsciente sin representación verbal, mientras que Lacan argumenta que el significante representa el

inconsciente. Además, Lacan reinterpreta el Complejo de Edipo como un proceso metafórico e introduce el concepto de "objeto a", un objeto de deseo que orienta la búsqueda del sujeto.

Palabras clave: Conceptos fundamentales; Freud; Inconsciente; Lacan; Psicoanálisis.

1. Introdução

“Os analistas da segunda e da terceira geração, que se dedicam, no que psicologizando a teoria psicanalítica, a suturar essa hiância.” (Lacan, 1964, pg. 31).

A psicanálise, teoria iniciada e explorada primeiramente por Freud, inicia-se a partir da observação de mulheres que tinham sintomas no corpo sem causas orgânicas possíveis. Freud se propõe a escutar as histéricas e a partir dessa escuta observa fenômenos que não eram explicados anteriormente e com o passar dos anos constrói sua teoria. A metapsicologia Freudiana, trata-se do segmento da psicanálise focada em explorar e argumentar sobre o funcionamento do aparelho psíquico, conteúdo, esse, que representa o cerne de toda a teoria do autor. A psicanálise não resume-se apenas à metapsicologia, porém todas as outras seções se utilizam dela (Freud, 1920).

O estudo e exploração da psicanálise não se findam no autor que a formulou, atualmente existem psicanálises com várias correntes teóricas, traçadas a partir da leitura da teoria já proposta pelo seu criador. Os autores contemporâneos a Freud são vários e seguem lógicas de pensamentos distintas, adquiridas a partir da observação de sua clínica, dentre eles, pode-se citar Anna Freud, Melanie Klein, Donald Winnicott, Jacques Lacan, entre outros.

A Psicanálise de Lacan é formulada a partir de uma releitura dos textos de Freud no decorrer de 27 seminários e outros escritos, mas os conceitos fundamentais são nomeados como tal, apenas no seminário 11, de 1964, após uma expulsão do psicanalista francês da Associação Internacional de Psicanálise, a IPA. A transcrição do seminário começa com uma introdução, nomeada de excomunhão por Lacan, onde ele compara a psicanálise a uma religião que exclui seus membros se estes não seguem suas normas e dogmas. Essa postura da instituição é lida por Lacan como uma oportunidade de falar sobre o distanciamento das correntes pós-freudianas da psicanálise proposta pelo autor principal, virando uma psicologia do Eu, que visaria a adaptação do indivíduo a partir de trazer para a consciência processos inconscientes e assim entendê-los para trabalhar com eles.

Para Lacan (1964), a prática adaptativa foge da ética da psicanálise, a ética do desejo, e tenta suturar a hiância que representa o inconsciente. Portanto, o psicanalista francês resgata 4 conceitos importantes para a psicanálise, sendo eles o inconsciente, a pulsão, a repetição e a transferência, para retomar a base dessa ciência, que estavam sendo esquecidos na prática clínica. Visto isso, o objetivo dessa pesquisa é dissertar e elaborar, por meio de uma pesquisa bibliográfica, sobre as noções que fundamentam a psicanálise e abordando as principais diferenças entre as construções dos dois autores, utilizando-se da psicanálise Freud-Lacanianana.

2. Metodologia

Este artigo se caracteriza, de acordo com sua natureza, como uma pesquisa documental de fonte direta e indireta, de natureza qualitativa (Pereira et al., 2018) e, do tipo revisão narrativa (Cavalcante & Oliveira, 2020; Casarin, 2020; Rother, 2007) dado que, irá responder, de acordo com a literatura já existente, quais são as principais transformações no conceito central da psicanálise, o inconsciente, quando analisado pela perspectiva de Lacan. Segundo Prodanov & Freitas (2013), a revisão bibliográfica gera um levantamento do referencial teórico para contextualizar a pesquisa e o seu corpo de fundamentação, materiais como livros, artigos científicos, monografias, dissertações ou teses podem ser utilizados como fontes referenciais.

Em relação ao referencial teórico fundamentou-se mais precisamente nas obras de Sigmund Freud (1856-1939) e Jacques-Marie Émile Lacan (1901-1981), sendo que, nas revisões narrativas dentro do material bibliográfico selecionado dos autores, utilizaram-se textos que mais direcionam acerca do conceito estudado. Contudo, as pesquisadoras utilizaram também de materiais literários de comentadores psicanalistas contemporâneos freudianos e lacanianos, tanto estrangeiros quanto nacionais, para desenvolver a pesquisa. Cabe ressaltar que, o referencial teórico utilizado na presente pesquisa se caracteriza com recentes obras científicas disponíveis que tratam do assunto, no entanto foi dada preferência à relevância dos autores no percurso psicanalítico -há autores do século XX-, visto que, para o estudo da psicanálise, precisa-se voltar ao início.

3. Resultados e Discussão

“Se fosse preciso concentrar numa palavra a descoberta freudiana, seria incontestavelmente na palavra inconsciente” (Laplanche & Pontalis, 1970, p. 236).

No escrito *“Uma dificuldade no caminho da Psicanálise”* (1917), Freud esboça sobre três feridas narcísicas no qual a humanidade sofreu em decorrência dos avanços da pesquisa científica. A primeira ferida surgiu após a descoberta de Copérnico, no século XVI, o qual apresentou que a terra não era o centro do universo, ou seja, de forma simbólica, que o homem não é o centro do universo ou o senhor do mundo, Freud caracterizou essa ferida como um golpe cosmológico. A segunda ferida condiz acerca das pesquisas de Charles Darwin sobre a evolução e a seleção natural. O homem acreditava que diante da dominância que havia sobre o reino animal, pela posse da razão e pela crença da ascendência divina era distinto dos animais, contudo Darwin, apresenta que o homem não é um ser diferente dos animais, ou superior a eles como o ser humano acreditava, pois, ele próprio tem ascendência animal, com atributos físicos e mentais em sua estrutura, Freud caracterizou essa ferida como um golpe biológico. A terceira ferida, e a que será frisada nesse artigo, surge a partir da Psicanálise (Freud, 1917), o ser humano acreditava ser superior dentro da sua própria mente, domando seus processos mentais, contudo em cima dessa percepção, a Psicanálise apresenta, -através da descoberta dos processos mentais inconscientes e da teoria que o ser humano é influenciado por uma instância que foge de seu controle-, o inconsciente. A terceira ferida, caracterizada por Freud como um golpe psicológico, irá se articular como um conceito fundamental na psicanálise. Freud (1917) apresenta, por meio da teoria do inconsciente, que o Eu não é o senhor da sua própria casa, ou seja, que o ser humano não domina inteiramente seus processos mentais.

A palavra inconsciente é denominada, no sentido adjetivo, como algo que não é consciente, que não tem e nem usa a consciência em seus atos (Dicio, 2024). Essa caracterização adjetiva era utilizada pelos antecedentes de Freud, uma definição no qual não designava um sistema psíquico, mas sim algo que somente não era consciente. O inconsciente, para a psicanálise freudiana, passa a ser empregado como um substantivo, e é abordado por meio de uma noção tópica e dinâmica. A primeira referente ao inconsciente (Ics) como sendo um sistema, um lugar psíquico -mas não anatômico- e a segunda referente como um serviço de qualificação (Roza, 1985). Freud (1900), apresenta a partir do texto *Traumdeutung* (Interpretação dos Sonhos) o inconsciente como sistema do aparelho psíquico, introduzindo assim a primeira tópica. Já no ano de 1923, Freud reformulou a sua concepção da estrutura do aparelho psíquico com texto *“O EU e o ISSO”*, apresentando uma releitura acerca da primeira tópica, criando assim o modelo estrutural, com as instâncias psíquicas: EU, ISSO E SUPEREU.

3.1 O Inconsciente em Freud na Primeira Tópica

“Proponho que seja denominada metapsicológica uma exposição na qual consigamos descrever um processo psíquico e suas relações dinâmicas, topológicas e econômicas. (Freud, 1915, pág. 89)”

Há estados psíquicos inconscientes no qual as características físicas são completamente inacessíveis, não há nenhuma concepção fisiológica ou nenhuma metodologia química da essência desses processos, ou seja, não existe um lugar anatômico concedido ao inconsciente. Contudo o mesmo não deixa de ser real, o inconsciente freudiano, como abordado por Garcia-Roza (1985), não é uma coisa, um lugar fisiológico ou uma substância espiritual, mas sim, uma forma de articulação no qual opera, uma cisão de regimes e leis. Assim, Freud aborda o inconsciente como um sistema no aparelho psíquico do ponto de vista tópico, dinâmico e econômico. O autor introduz no artigo “*O Inconsciente*” (1915) a justificação da existência do inconsciente como necessária e legítima. Necessária, pois, os dados das manifestações conscientes apresentam lacunas que indicam a direção para a realidade do inconsciente, tal qual como: os sonhos, os lapsos, os sintomas, os chistes e os atos falhos (Garcia-Roza, 1985). Legítima pois, os atos e manifestações -ou os fenômenos lacunares, como exposto acima- do sujeito, que não ligam a percepção do restante de sua vida psíquica, têm de ser julgados como se pertencessem a uma outra pessoa, dito isso, com essa lógica, concluir-se-ia à suposição de um inconsciente, de uma atividade psíquica que permanece excluída da consciência, embora a influenciasse.

Retornando ao artigo metapsicológico sobre o inconsciente, Freud (1915) apresenta o sistema consciente (Cs), pré-consciente (Pcs) e inconsciente (Ics) como ponto de vista topológico das regiões do aparelho psíquico, diferenciando dois tipos de inconsciente: o que é latente, mas capaz de consciência, e o recalcado, que não é capaz de consciência. Para ele, um ato psíquico -natureza de uma ideia- passa por duas fases, na primeira fase ele é inconsciente e pertence ao sistema Ics, para seguir na segunda fase ele precisa passar por um exame, a censura, caso ele não passe pela censura, o ato psíquico é recalcado e permanece no inconsciente, mas se ele passar entra para a segunda fase e participa do sistema Cs, mas há um “porém” nessa passagem do ato psíquico do Ics para o Cs, ele se torna capaz de consciência, não sendo ainda inteiramente consciente, é então que advém o sistema Pcs. O sistema Pcs compartilha as características do sistema Cs e a censura rigorosa cumpre seu papel na passagem do Ics para o Pcs.

Foi por meio da teoria do recalque que Freud elaborou acerca do conceito de inconsciente, afirmando que “o recalcado é, para nós, o protótipo do que é inconsciente” (Freud, 1923, p.17). Não há como falar de inconsciente sem falar a respeito de uma das vicissitudes da pulsão¹, o recalque. Freud formula esse conceito após abandonar a teoria do trauma e se confrontar com a resistência em seus pacientes na prática clínica (Garcia-Roza, 1985). Para o autor, a essência dessa vicissitude é somente rejeitar e manter afastado a representação da consciência (Freud, 1915). Adentramo-nos um pouco mais afundo. O objeto do recalque não é a pulsão em si, mas sim o seu representante ideativo², esse capaz de provocar o desprazer advindo da censura realizada pelo sistema pré-consciente e consciente. Enquanto o representante ideativo é recalcado e restringindo-se ao Ics, o representante afetivo é direcionado para o Pcs e Cs (Garcia-Roza, 1985). Visto isso, a condição para que o recalque ocorra é articulada por Freud na perspectiva de que o desprazer seja maior que o prazer obtido pela satisfação da pulsão (Jorge, 2008).

O recalque é decomposto em três fases: a fixação, o recalque propriamente dito e o retorno do recalcado. Freud (1915) introduz a ideia do recalque originário, no qual alega ser uma primeira etapa do recalque, caracterizada por negar a entrada do representante ideal da pulsão, é nessa etapa que ocorre a *fixação*, o representante segue inalterado e a pulsão ligada a ele; a *fixação* precede e estimula o recalque, é um resto passivo que ficou no sistema inconsciente. No *recalque propriamente dito* ocorre uma ação ativa no EU em relação ao resto passivo que ficou para trás, há duas forças que atuam nessa fase, a

¹ No artigo “*A Pulsão e Suas Vicissitudes*” Freud (1915) apresenta quatro destinos no qual a pulsão pode apresentar no curso da evolução e da vida, sendo elas: o recalque, a sublimação, a reversão no contrário e o voltar-se contra a própria pessoa,

² Freud (1915) apresenta acerca da representação da coisa e a representação da palavra, para o autor representação consciente abrange a representação da coisa e a da palavra, e a representação inconsciente é restrita à representação da coisa. O sistema Ics contém os primeiros investimentos da coisa dos objetos, já no sistema Pcs surge quando essa representação da coisa é sobreinvestida -hipercatexizada- mediante a ligação com as representações verbais que lhe relacionam.

repulsão -atua doravante da consciência sobre aquilo que deve ser recalçado- e a atração -o que foi repellido inicialmente mas pode estabelecer uma ligação com as aspirações inconscientes (Jorge, 2008). O *retorno do recalçado* consiste no retorno da representação ideativa em um formato deformado, em decorrência da censura do sistema Pcs- Cs. É por meio da condensação e do deslocamento que frequentemente o recalçado tem acesso à consciência (Garcia-Roza, 1985).

Freud (1915) no capítulo V do artigo “O inconsciente” apresenta acerca das características essenciais do Ics, realiza uma explicação minuciosa sobre o funcionamento de cada um dos sistemas e suas maneiras de representações através do processo primário -exclusivo do Ics- e do processo secundário -exclusivo do Pcs e Cs. No processo primário, do ponto de vista econômico, a energia psíquica flui de uma representação a outra, de maneira direta e rápida e é regido pelo princípio do prazer, ao contrário do processo secundário, no qual a fluidez da energia psíquica é controlada e é regido pelo princípio da realidade, visto que os processos são obrigados a retardar ou desviar a procura da satisfação. A fluidez de uma representação a outra no processo primário que ocorre no Ics é caracterizado por dois mecanismos básicos: a condensação (*Verdichtung*) e o deslocamento (*Verschiebung*) (Garcia-Roza, 1985).

Freud introduz o termo deslocamento em 1894 no artigo “*As Neuropsicoses de defesa*” e no ano seguinte, no manuscrito “*Projeto para uma psicologia científica*”, o autor liga a noção de deslocamento ao processo primário que acontece no sistema Ics. No ano de 1901, em “*A interpretação dos Sonhos*” e no artigo “*O Inconsciente*” em 1915, Freud realiza uma teorização precisa acerca do deslocamento. Para o autor, o que ocorre no processo de deslocamento é que uma ideia cede a outra todo o seu montante de investimento (Freud, 1915), e é por meio desse mecanismo que Freud (1901) justifica o caráter absurdo em que os sonhos se disfarçam, por meio de uma deformação. O deslocamento, através de um deslizamento associativo, altera elementos primordiais de um conteúdo latente em elementos secundários de um conteúdo manifesto, sendo a censura a responsável a substituir os conteúdos (Roudinesco, 1998).

Assim como o deslocamento, Freud aborda sobre a condensação em diversos textos³, mas é no manuscrito “*A Interpretação dos Sonhos*” que o autor elabora o funcionamento minucioso acerca da condensação, assumindo um papel primordial em relação ao trabalho dos sonhos⁴. A condensação “*implica na reunião num mesmo e único elemento de uma pluralidade de elementos de alto valor psíquico, tendo como efeito igualmente a distorção e o disfarce de sua evidenciação*” (Jorge, 2008, p. 88). Cabe destacar que a condensação não fica apenas restrita à interpretação dos sonhos, uma vez que ela é uma característica do pensamento inconsciente que ocorre no processo primário, como abordado anteriormente. Nesse processo de condensação, do ponto de vista econômico, a energia é livre e não ligada - a fluidez de uma representação a uma cadeia associativa-, o que tende para identidade de percepção, permitindo e favorecendo o seu acontecimento (Laplanche & Pontalis, 1970).

3.2 O Inconsciente em Freud na Segunda Tópica

“a nossa divisão da psique em um Isso, um Eu e um Super-eu (...) deve revelar-se também um meio para a compreensão mais profunda e melhor descrição das relações dinâmicas da vida psíquica.” (Freud, 1923, p.49)

A segunda tópica foi introduzida por Freud na teoria psicanalítica a partir dos manuscritos de 1920-1923, essa tópica não substitui a primeira, mas acrescenta, pois o autor esboça que a divisão do psiquismo em inconsciente, pré-consciente e consciente não abarca todo o âmago do funcionamento psíquico, visto isso, apresenta acerca da dinâmica das instâncias

³ “*A interpretação dos sonhos*” (1901), “*Psicopatologia da vida cotidiana*” (1904), “*Análise fragmentária de uma Histeria, o Caso Dora*” (1905) em “*Os chistes e sua relação com o inconsciente*” (1905).

⁴ A condensação se relaciona também com os chistes, os lapsos, os esquecimentos de palavras, os sintomas, etc.

psíquicas e propõe uma nova compreensão do aparelho psíquico: o modelo estrutural. Surgem então três instâncias o EU, ISSO e SUPEREU⁵.

Na segunda tópica o EU articula-se com a consciência, ele é encarregado em guiar a relação entre o sujeito e a descarga das excitações no mundo externo, é a instância psíquica que exerce o controle sobre todos os seus processos parciais (Freud, 1923). O ISSO é entendido como um conjunto de conteúdos de natureza pulsional e de ordem inconsciente (Roudinesco, 1998), uma forma de diferenciação entre o ISSO e o EU é dizer que o EU representa o que se pode chamar de razão e circunspeção, regido pelo princípio da realidade, já ao ISSO, regido pelo princípio do prazer, advém as paixões inferiores (Freud, 1923). O SUPER-EU, para Freud (1923), possui de certa forma, uma enérgica formação reativa as escolhas objetais do ISSO, para o autor, o SUPER-EU comporta a advertência, a proibição e quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente, por influências externas, ocorreu seu recalque, assim sendo, mais severamente o SUPER-EU terá domínio sobre o EU como consciência moral e talvez como inconsciente, o sentimento de culpa.

O Ideal do Eu⁶ é, portanto, herdeiro do complexo de Édipo e, desse modo, expressão dos mais poderosos impulsos e dos mais importantes destinos libidinais do ISSO. Estabelecendo-o, o Eu assenhorou-se do complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, submeteu-se ao ISSO. Enquanto o Eu é essencialmente representante do mundo exterior, da realidade, o Super-eu o confronta como advogado do mundo interior, do ISSO. Conflitos entre Eu e ideal refletirão em última instância (...) a oposição entre real e psíquico, mundo exterior e mundo interior (Freud, 1923, p.45).

Não há limitação, na segunda tópica, entre as instâncias psíquicas, todas se relacionam entre si: o SUPEREU mantém relações com o ID, o ID com o mundo exterior por influência do EU e o EU íntegra as exigências do SUPEREU. O ISSO é o pólo pulsional e de ordem inconsciente, o EU é uma parte do ISSO que em contato com a parte externa se torna uma parte consciência e o SUPEREU, advindo do complexo de Édipo, é responsável pelas regras, normas e padrões (Roudinesco, 1998).

A teoria exposta por Freud acerca do complexo de Édipo é de suma importância, visto que, aborda sobre a clivagem da subjetividade em dois grandes sistemas do aparelho psíquico, o Inconsciente e o Pré-consciente/Consciente, e também abordar sobre uma sexualidade infantil, teorizando sobre a teoria do desenvolvimento psicosssexual. O complexo de Édipo freudiano é caracterizado pela representação inconsciente no qual a criança - entre 3 e 5 anos- dirige o desejo sexual para o genitor do sexo oposto e sua rivalidade para com o genitor do mesmo sexo (forma positiva), o processo pode acontecer também vice-versa: a criança dirige o desejo sexual para o genitor do mesmo sexo e sua rivalidade para o sexo oposto (forma negativa)⁷. O complexo de Édipo desaparece com o complexo de castração (Roudinesco, 1998). A influência do complexo no sujeito na vida do sujeito está ligada na escolha e investimento no objeto de amor, no acesso à genitalidade, ou seja, a instalação do falo, na formação estrutural do sujeito -neurose, psicose e perversão- e na constituição das instâncias psíquicas, especialmente do SUPEREU e do IDEAL DO EU (Laplanche & Pontalis, 1970).

Foi por meio da elaboração da segunda tópica que Freud modificou a sua teoria sobre o narcisismo, anteriormente o autor esboçava acerca de uma identificação narcísica com o objeto, porém com a elaboração do modelo estrutural Freud apresentou que no primeiro momento de vida há um período em que o EU e o ISSO são indiferenciados, o autor chamou de narcisismo primário, pois o bebê não tem relações com o meio, assim a criança investe toda a sua libido em si mesma (Laplanche e Pontalis, 1970), ocorre em período pré-edipiano e assume como modelo o EU IDEAL (Garcia- Roza, 1985).

⁵ No alemão respectivamente *Ich*, *"Es"* e *"Über-Ich"*. Freud (1923) utiliza do termo introduzido por Georg Groddeck "Es" (pronomo alemão neutro da terceira pessoa do singular) para designar uma das três instâncias psíquicas, o inconsciente.

⁶ Em *"O eu e o isso"* (1923) o SUPEREU ainda é mal diferenciado do Ideal do Eu.

⁷ Em *"O EU e o ISSO"* Freud apresenta sobre a forma completa do complexo de Édipo, no qual as duas formas -positiva e negativa- são coexistentes.

A articulação da segunda tópica não muda a concepção de Freud sobre o narcisismo secundário, no qual apresenta sobre o IDEAL DO EU⁸, “um modelo ao qual o sujeito procura conformar-se. Esta foi a maneira que Freud encontrou para conciliar a antiga função do EU – agente do recalque, com a sua nova característica: objeto de investimento libidinal” (Drubsky, 2008, p.23) . Por meio do estudo acerca das psicoses, o autor observou a volta da libido dos objetos para o próprio EU, articulando acerca de um caminho do indivíduo quando passa do narcisismo ao amor objetal. Contudo Freud (1914/1916) adverte que, nem toda a libido do EU passa para os objetos pois, uma libido objetal que foi primitivamente libido do EU, pode ser novamente convertida em tal. Apresentando em outras palavras, uma quantidade de libido pode permanecer junto ao EU, pois o mesmo é um grande reservatório do qual flui a libido destinada aos objetos e para o qual ela pode retornar, oriunda dos objetos.

Um adendo acerca da teoria psicanalítica de Freud em relação ao narcisismo é a discordância na literatura entre a definição de narcisismo primário, até mesmo o próprio Freud postulou posições distintas sobre o tema - a segunda tópica não resolveu o embaraço da noção de narcisismo primário-, chegando a estabelecer uma estreita relação entre narcisismo e autoerotismo. Para alguns autores, a teoria freudiana deixou exposta uma confusão da localização do narcisismo primário e de sua relação com a constituição do EU (Drubsky & Roudinesco, 2008, 1998).

3.3 O Inconsciente em Lacan

“Olhar ao que é propriamente da ordem do inconsciente - é que ele não é nem ser nem não-ser, mas é algo de não-realizado.” (Lacan, 1964, pg. 37)

O momento inaugural da constituição do sujeito (je), para Lacan (1949) é chamado de Estádio do Espelho. Anteriormente a esse ponto da vida do infans, ele é considerado pelo autor como um bolo de carne, um assujeito, como uma extensão da mãe⁹. O Estádio do Espelho, exposto pelo autor, se inicia, no primeiro tempo, quando a criança se vê no espelho e pensa que é um outro, rivalizando com sua imagem e não a reconhecendo como tal. Já no segundo tempo, incide-se uma dúvida: “estou aqui ou no espelho?”, caracterizada por esse transitivismo de posição frente ao objeto, representado pelo corpo fragmentado. No terceiro tempo do Estádio, o infans se percebe ali, como uma unidade, não observando-se apenas como parte do corpo materno, e atribuindo o Símbolo “é a minha imagem” ao seu reflexo.

O Estádio do Espelho corresponde ao primeiro tempo do Complexo de Édipo, outro passo fundamental na vida do indivíduo que também se desenrola em 3 tempos. A passagem desse primeiro tempo para o segundo, refere-se a separação de corpo do bebê com o corpo materno (Faria, 2023). O bebê, no primeiro tempo do complexo de Édipo, passa da autopercepção como um fragmento do corpo materno para compreender a totalidade de seu corpo como uma unidade, localizando-se em uma ordem simbólica (Jorge, 2005) e identificando-se como o falo¹⁰ imaginário da mãe. A criança pensa que é o objeto de desejo da mãe, que corresponde a um ser Onipotente. Esse primeiro tempo é marcado pela frustração, pois a mãe Onipotente tem para dar, mas recusa (Faria, 2023). Essa separação dá acesso à criança à dimensão de recalque das pulsões parciais (Jorge, 2005), e abre espaço para a entrada de um Outro.

Na passagem para o segundo tempo do Complexo de Édipo, a criança começa a reformular essa falta, a duvidar se a mãe tem esse objeto, começa a entender a mãe como ser desejante. O objeto, que estava inscrito no imaginário, se torna Real, e

⁸ No artigo “Introdução ao Narcisismo”, Freud utilizou a terminologia *Ideal do Eu* como equivalente ao *SUPEREU*. Porém, no decorrer de seu percurso Freud modifica o que antes era tratado uma função se transformou para uma instância, o *SUPEREU* (Roudinesco, 1998).

⁹ É importante ressaltar que o pai e a mãe, para Lacan, são entendidos como funções, não sendo necessariamente pessoas de carne e osso, mesmo que na vida dessa criança existam pessoas com essas titulações, isso não quer dizer que desempenhem esse papel.

¹⁰ Representante da falta da mesma forma que a tenta tamponar.

no segundo tempo a pergunta vira “O que minha mãe deseja?”. O que marca esse tempo é a privação, pois o bebê não entende mais a mãe como onipotente, vê ela buscando algo em um terceiro - o pai - e pensa que se ela busca no outro é porque ela não tem, mas o outro sim, portanto o pai se torna fálico e onipotente. A entrada desse pai, nessa relação que era a 3 (mãe - falo - criança), vira uma relação quádrupla (mãe - pai - falo - criança), e a criança teme a figura paterna pois ele que interdita a relação anterior. Do segundo para o terceiro tempo do complexo de Édipo, o pai deixa de ser onipotente e castrador para um pai potente, um pai que pode dar para a mãe e para o filho. O objeto se torna simbólico e com um registro da falta no Real, marcando esse tempo com a Castração. A criança começa a entender todos como não-todos, pessoas faltantes, e então se coloca a pergunta, se não sou eu quem a mãe deseja e nem parte dela, quem eu sou? (Faria, 2023) colocando-se frente a castração.

O segundo tempo, para Lacan, é um ponto nodal, pois é a partir dele que o Sujeito pode encontrar a dissolução do complexo de Édipo, se aceita ou recusa a castração, resultando em diferentes formas de ordenação da sua sexualidade. Essa ordenação pulsional pode resultar em diferentes estruturas de funcionamento, sendo elas a Psicose, a Perversão e a Neurose, que pode ser dividida em Histeria e Obsessão (Faria, 2023). Um ponto a se ressaltar é que o Complexo de Édipo é uma formação inconsciente da sexualidade, movido por pulsões e pensamentos que podem não estar na consciência do sujeito, e mesmo que estejam, com a castração, a barra que marca a falta do sujeito, o faz esquecer, pois o Eu, que é essencialmente imaginário, não suporta, fazendo jus ao tempo lógico¹¹, tornando todos esses processos passíveis de repetição (Faria, 2023).

3.3.1 Real, Simbólico e Imaginário

“Meus três são o real, o simbólico e o imaginário.” (Lacan, 1980, p.22)

Ao longo de sua obra, Lacan utiliza-se da noção de três registros de apreensão da realidade, chamados de Real, Simbólico e Imaginário. O estudo dos seus três está presente desde o início de sua obra até o fim dela. Ao decorrer de seus seminários e escritos o autor tenta explorar esses registros pois, para ele, o problema dos Pós-Freudianos está em ignorar os ensinamentos de Freud, utilizando-se só do imaginário e esquecendo do fundamental¹², fazendo, então, uma prática pautada em adaptação e reformulação do eu, que é essencialmente imaginário. A partir do retorno a Freud conseguiu estruturar esses conceitos e assim tecer suas críticas de forma mais ilustrada, chamando-os de heresia lacaniana, pois o RSI, tratava-se de uma via por onde tomar a verdade (Faria, 2019).

Os três registros são hierarquicamente verticais, ou seja, nenhum se sobrepõe ao outro. Em alguns seminários, Lacan foca mais em um registro do que no outro, mas desde o início de sua obra os entendia como equivalentes. Só em seu seminário de 1973 que o autor consegue ter acesso a uma topologia que traduz seu dizer, o nó borromeano. Nos seus primeiros seminários, Lacan foca em investigar o Imaginário, utilizando-se do Estádio do espelho e do Esquema Óptico. A partir do quarto seminário ao oitavo, o autor tem uma atenção maior ao Simbólico, utilizando-se da teoria do Complexo de Édipo e do Nome-do-Pai, e de noções da linguística para se apoiar. Do nono seminário em diante desbrava o Real, utilizando-se de topologia matemática e lógica, para então, finalmente, enodar os três¹³ (Jorge, 2005).

¹¹ O tempo do inconsciente é lógico, não cronológico, o que implica dizer que os processos descritos no artigo não dependem do tempo de vida do Indivíduo, mas sim da lógica do inconsciente.

¹² Lacan fez um seminário intitulado “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” após ser expulso da IPA, retomando os fundamentos em Freud e reformulando-os a partir do seu ensino.

¹³ É importante ressaltar que apesar de ser comum entre os psicanalistas dividirem Lacan nessas 3 épocas, o autor nunca desvincilha os conceitos, apenas coloca um enfoque maior neles (Faria, 2019).

O imaginário não pode ser compreendido como apenas a imaginação. Ele é entendido como uma relação especular que faz elo com a imagem e também diz respeito à identificação. Mais precisamente, o imaginário é o sentido. Para traduzir o imaginário em sua teoria, o autor utiliza do experimento do buquê invertido e apontar para a importância da imagem para que o indivíduo crie um domínio imaginário sobre o seu corpo e se perceba como unidade, organizando o Eu, que é essencialmente imaginário (Lacan, 1949). O autor tece suas críticas à prática psicanalítica centrada no Imaginário, pois para ele, a prática estaria se afastando do proposto por Freud, colocando como objetivo último de uma análise “arredondar o Eu” (Lacan, 1955, p. 304). Outro ponto importante, é que o psicanalista francês encontra uma forma de manejo das psicoses em seu terceiro seminário, no qual discute sobre o caso Dick, da Melanie Klein e do caso Schreber, de Freud, utilizando-se do registro Imaginário (Lacan, 1956).

Se o Imaginário é da ordem do sentido, o Simbólico é da ordem de um duplo sentido, Lacan o coloca como um furo fundamental (Lacan, 1975) e utiliza-se da sua teoria do complexo de Édipo para desbravar o simbólico, apoiando-se na noção de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Para formular o registro Simbólico, o autor utiliza-se de linguistas e elucida a importância da função da fala, do campo da linguagem e da instância da letra no inconsciente, pois além do ser humano existir como ser de linguagem, todo o tratamento psicanalítico passa por essa via, dependendo dos efeitos das intervenções que incidem sobre a fala (Faria, 2019).

O Real não pode ser confundido com realidade. Se o Simbólico é da ordem da linguagem, o Real é de tudo que foge dela, tudo o que escapa, o que está no não-dito. O Real é da ex-sistência, o que sustenta os outros dois registros e os une. O Real é impossível de ser simbolizado, é da ordem pulsional, de onde o recalque opera, caracterizando-se por um saber-não-sabido. O recalque funda o inconsciente, e coloca sobre ele uma barra que censura o Real para o simbólico mas que muitas vezes falha, escapando o recalcado, fazendo-o voltar em forma de sintoma (Jorge, 2005).

Os três se chamam Real, Simbólico e Imaginário pois o Simbólico está entre os outros dois, Jorge (2005), ilustra essa relação com a cabeça de Jano¹⁴, colocando que o simbólico é essencialmente bífido e impossível de ser representado e que o Sujeito do inconsciente está no entre significantes. A partir do real, presentifica-se o simbólico, que presentifica o imaginário, e que por sua vez presentifica o real, todos hierarquicamente horizontais.

3.3.2 O inconsciente estruturado como linguagem

“O inconsciente é estruturado como uma linguagem.” (Lacan, 1964, p. 27)

A Antropologia estruturalista e a linguística fornecem, para Lacan, as bases para definição do inconsciente estruturado com uma linguagem, o que é investigado em foco pelo autor no decorrer de seus seminários, mais precisamente, do quarto ao oitavo (Faria, 2019). A exploração Lacaniana acerca da estruturação do inconsciente, leva em conta que os seres humanos, são seres falantes, que pertencem a uma linguagem que antecede a eles, pois, por exemplo, o bebê, antes que nasça, já detêm um nome que diz sobre ele, além de precisar que seu Outro Primordial, o Tesouro dos Significantes, escute seu choro e atribua a ele significados, para assim, atender suas necessidades (Lacan, 1957). Ou seja, seres falantes pertencem a uma Ordem Simbólica pré determinada em que o Significante produz efeito para o Sujeito sem que esse perceba, pois o inconsciente é a soma dos efeitos da fala sobre o Sujeito e o Sujeito é o efeito dos significantes (Teixeira, 2022).

Para Lacan (1957), os significantes são uma unidade mínima da língua que precisam ser articulados com outros significantes para produzir alguma significação, como a linguagem. É necessário que os significantes estejam articulados para que exista significante, pois um significante por si só não existe, “é na cadeia do significante que o sentido *insiste*, mas que

¹⁴ Deus da mitologia romana que tem dois rostos, um na frente da cabeça e outro atrás.

nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento (Lacan, 1957, p. 506[503]). O inconsciente se manifesta através da articulação da Cadeia Significante, o que justifica a regra fundamental da psicanálise ser a associação livre, apesar de não ser tão livre, pois há no inconsciente uma tendência à repetição (Jorge, 2005).

Das ding e Sache são noções importantes para o estudo do inconsciente. Das Ding se refere à “A Coisa” que foi recalçada no Complexo de Édipo, e que se remete ao impossível do Real, A Coisa é não representável por si só, e Sache são as tralhas, as coisas que gravitam em torno de das Ding, e que podem ser representadas (Vorstellungrepräsentanz) se associando e se ligando às leis do inconsciente, que correspondem à metáfora e à metonímia (Teixeira, 2022). A metáfora e a metonímia regem o funcionamento do inconsciente a partir do recalçamento das pulsões, caracterizando o duplo-sentido do Simbólico. A metáfora é a transposição de significantes, que gera uma emergência da significação (+), e a metonímia é a conexão de um significante com o outro, que constitui a resistência da significação (-), fazendo a manutenção da barra (Lacan, 1957).

Os conteúdos inconscientes passam pela censura do recalque, sendo manifestados em sonhos, chistes, atos falhos, sintomas e lapsos. O inconsciente se manifesta no entre-ditos, no que não se diz quando se diz algo, pois os conteúdos inconscientes seguem as leis do significante, não sendo representados por eles mesmos em sua forma mais pura. O processo metafórico trata-se da substituição de vários significantes por um outro significante, justapondo-os, fazendo então uma transposição da barra entre Significante e significado ($f(S'/S)S = S(+).s$).¹⁵ O processo metonímico remete um significante a outro, manifestando a resistência à significação, o que mantém a barra entre Significante e significado ($f(S...S')S = S(-).s$).¹⁶, nesse processo a conexão dos significantes retira o significado e remete ao objeto a na cadeia significante, na metáfora, a substituição tem como função representar o sujeito (Jorge, 2005). A linguagem é o que constitui a realidade para cada Sujeito, antes dela só há a indiferenciação do Real. A linguagem “se situa no ponto preciso em que o sentido se produz a partir do não-senso” (Jorge, 2005, p. 90).

3.3.3. O estatuto ético do inconsciente

“Formulo que o estatuto do inconsciente é ético, não ôntico.” (Lacan, 1964, p. 40)

Jacques-Alain Miller, genro de Lacan, questiona seu sogro sobre sua ontologia em seu seminário de 1964, o que faz Lacan dizer que o estatuto do inconsciente não é ôntico, mas sim ético (Lacan, 1964). O inconsciente tem o seu estatuto ético pois o sujeito tem sede pela sua verdade e vive em função dela. A fantasia do sujeito, localizada na base da realidade psíquica, é constituída pelo simbólico e influencia o encontro com o real, ou seja, com o inabordável. Toda a vida desse sujeito está vestida pela tela dessa fantasia, que por um lado protege da desordem do real e que por outro lado produz uma fixação objetual. A fantasia diz sobre o jeito de ser e se portar, é como o sujeito encontra sua forma de buscar o que deseja e também de tentar cumprir com o que deve (Jorge, 2005).

Lacan coloca o desejo no centro da ação humana e fórmula que a Psicanálise também precisa se pautar na ética do desejo, fazendo-se de uma clínica do real (Lacan, 1959). O desejo para a psicanálise é entendido como faltoso, é desejo de desejar. No centro do nó borromeano está situado o objeto a, que é o objeto causa de desejo, um objeto sem forma, no qual sempre se busca uma satisfação que é impossível e por ser impossível movimenta o sujeito (Jorge, 2005). O estatuto ético do inconsciente também pode ser lido pela movimentação de quem o fórmula, pois se Freud busca a verdade de sua maior contribuição - o inconsciente - por toda a sua vida, Lacan também destina a sua para executar uma releitura na qual defende a obra freudiana. O psicanalista francês denuncia em toda a sua obra a psicologização da psicanálise, que se baseia em uma

¹⁵ Estrutura da metáfora (Lacan, 1957).

¹⁶Estrutura da metonímia (Lacan, 1957).

prática de arredondamento do eu, uma prática essencialmente imaginária, e destina seus seminários para defender o RSI, formulação que o torna capaz de criticar a prática desviante da ética psicanalítica, chamando seus três de heresia lacaniana (Faria, 2019).

4. Considerações Finais

A psicanálise lacaniana é formulada a partir de uma releitura da obra de Freud, o fundador da psicanálise. Lacan destinou grande parte de sua vida defendendo a principal contribuição freudiana, o inconsciente, pois considerava que as bases psicanalíticas estavam sendo perdidas pelos psicanalistas pós-freudianos, transformando a psicanálise em uma psicologia do eu (Lacan, 1964). O psicanalista francês difundiu seu ensino no decorrer de 27 seminários e escritos, nos quais nota-se novas contribuições realizadas a conceitos já formulados, utilizando-se de noções de outros campos do saber, o que resultou em atualização da psicanálise. Dentre essas inovações, destaca-se a noção do inconsciente propriamente dito, que passa a ser entendido a partir de uma lógica estruturante com grande importância dada à linguagem (Teixeira, 2022).

O inconsciente freudiano é estruturado a partir de uma noção de aparelho psíquico com instâncias psíquicas - EU, ISSO e SUPEREU - e regiões topológicas - inconsciente, pré-consciente e consciente - que reprimem conteúdos mas que podem vir a falhar. No entendimento lacaniano, seus três tornam-se real, simbólico e imaginário, e o autor divide o sujeito em *moi* e *je*, para dividir o sujeito e o sujeito do inconsciente. Para Lacan, o inconsciente é estruturado como uma linguagem e o sujeito do inconsciente não fica nas profundezas do inconsciente, mas sim no entre-ditos, no entre significantes. Freud postula que no inconsciente não há representação de palavras, e para Lacan o significante é uma representação do inconsciente. As noções de deslocamento e condensação freudianas são entendidas como processos da lei da linguagem para o francês, onde o deslocamento é lido como um processo metonímico e a condensação um processo metafórico (Faria, 2019).

Outra contribuição importante de Lacan é a releitura do Complexo de Édipo, entendido por Freud (1905) como uma fase do desenvolvimento infantil universal, que tem como seu herdeiro o Supereu (Freud, 1924), no entendimento freudiano esse estágio é completamente diferente para a menina e o menino, mas em ambos os casos o primeiro amor é a mãe (Freud, 1931). Para Lacan, o Complexo de Édipo passa a ser entendido como um processo metafórico, entendendo pai e mãe como funções significantes. Lacan utiliza-se dos tempos lógicos do Complexo de Édipo para estruturar sua teoria da constituição do sujeito, como também a noção de Real - fazendo uso da alienação -, Simbólico - fazendo uso da metáfora paterna - e Imaginário - usando o Estádio do Espelho (Faria, 2023). O percurso decorrido por Freud tinha uma lógica clínica na qual se evidenciavam fenômenos negligenciados pelos médicos da época, com Freud sendo o primeiro a escutar o que suas pacientes tinham para dizer e se despidendo da posição de um saber máximo. Lacan retoma a teoria freudiana atualizando com autores contemporâneos a ele, para além de ressaltar a importância da base psicanalítica, como também para complementar a teoria psicanalítica investigando a estruturação do sujeito e decifrando como o sujeito emerge.

Lacan, em toda a sua obra, diz que todo o seu ensino já estava em Freud, exceto quando elabora o objeto *a*, como sendo um objeto “negativo”, um objeto causa de desejo que não tem forma, mas que o sujeito o busca por toda a sua vida, transformando a busca desse objeto na ética do desejo, a ética do inconsciente que é notória na obra dos autores tanto em seu compromisso com o rigor técnico e teórico da teoria psicanalítica, quanto na dedicação de ambos para com seus respectivos ensinamentos (Jorge, 2005). Diante disso, conclui-se que apesar de Lacan utilizar-se da obra freudiana como base, sua releitura configura-se como um novo saber, um novo braço da psicanálise que converge com o primeiro autor, atualizando uma teoria que precisa dar conta de seu tempo.

Por fim, indica-se que os autores continuem com a pesquisa sobre o tema abordado, pois “deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (Lacan, 1953, p. 322), o que implica pesquisa teórica, além de supervisão e análise pessoal. O inconsciente precisa ser explorado e pesquisado de forma

aprofundada, para que assim a teoria avance com sua época e possa alcançar a subjetividade contemporânea.

Referências

- Casarin, S. T., Porto, A. R., Gabatz, R. I. B., Bonow, C. A., Ribeiro, J. P., & Mota, M. S. (2020). *Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health*/Types of literature review: considerations of the editors of the Journal of Nursing and Health. *Journal of Nursing and Health*, 10(5). DOI: <https://doi.org/10.15210/jonah.v10i5.19924>. <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/19924>
- Cavalcante, L. T. C. & Oliveira, A. A. S. (2020). Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicol. Rev.* 26 (1). <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100>.
- Dicio. Dicionário Online de Português (2024). Porto: 7 Graus, 2024.: <https://www.dicio.com.br/>.
- Drubsky, C. A. (2008). *Até que ponto o narcisismo pode ser datado? Uma reflexão à luz das contribuições de Piera Aulagnier*. Doutorado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Faria, M R (2021). *Real, simbólico e imaginário no ensino de Jacques Lacan*. Toro Editora.
- Faria, M. R (2014). *Constituição do sujeito e a estrutura familiar: o complexo de Édipo, de Freud a Lacan*. (3ª ed.). Cabral Universitária.
- Freud, Sigmund (2010). "A dissolução do Complexo de Édipo" In FREUD, S. *O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)*; tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras.
- Freud, Sigmund (2006). "Além do Princípio de Prazer" In: FREUD, S. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente (1920)*. v. 2. Ed. Imago.
- Freud, Sigmund (1911/1972). A interpretação dos sonhos, parte 2. In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (1900)*. v.5, Ed. Imago.
- Freud, Sigmund (1990). "As Neuropsicoses de Defesa". In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (1894)*. v. 3. Ed. Imago.
- Freud, Sigmund (2010). "Introdução ao Narcisismo" In FREUD, S. *Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*; tradução Paulo César de Souza, Companhia das Letras.
- Freud, Sigmund (2010). "O Eu e o Id" In FREUD, S. *O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)*; tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 2010.
- Freud, Sigmund (2010). "O inconsciente" In FREUD, S. *Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*; tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras.
- Freud, Sigmund (2010). "Os instintos e seus destinos" In FREUD, S. *Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*; tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras.
- Freud, Sigmund (2010). "O recalque" In FREUD, S. *Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*; tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras.
- Freud, Sigmund (2016). "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade". In Freud, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*; tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras.
- Freud, Sigmund (1996). "Uma dificuldade no caminho da psicanálise" In: Freud, S. *Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918)*; tradução de Jayme Salomão. Ed. Imago.
- Freud, Sigmund (1990). "Projeto para uma psicologia científica". In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (1950 [1895])* v. 1. Ed. Imago.
- Garcia-Roza, L.A. (2009). *Freud e o inconsciente (1985)*. Jorge Zahar Editor.
- Jorge, M. A. C. (2017) *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais*. (1.ed. vol. 1.). Zahar.
- Lacan, J. (1998) "A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud". In: *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. J. Zahar.
- Lacan, J. (1998). "O estádio do espelho como formador da função do eu" (1949). In: *Escritos*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998) *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Jorge Zahar.

- Lacan, J. (1999) *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-55). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 3: As psicoses* (1955- 1956). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1988). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-60). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). J. Zahar.
- Lacan, J. (2007). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. (1975-1976). Tradução Sérgio Laia. J. Zahar.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B (1970). *Vocabulário de psicanálise*. (2.ed.). Martins Fontes.
- Pereira, A. S. et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [free ebook]. Ed. UFSM.
- Prodanov, C. C. & Freitas, E. E. (2013) *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. (2. ed.). Ed. Feevale.
- Roudinesco,, E. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. J. Zahar.
- Rother, E. T. (2007). *Revisão sistemática x revisão narrativa*. Acta paul. enferm. 20 (2). <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>.
- Teixeira, M. R. (2022) *Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise comentados: inconsciente, pulsão, repetição e transferência*. Ed. Ágalma psicanálise.